

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE TERAPIA OCUPACIONAL**

LEONARDO LIMA GABARRA

**A ÉTICA DO AMOR COMO DIMENSÃO DO CUIDADO
EM TERAPIA OCUPACIONAL**

SÃO CARLOS

2026

LEONARDO LIMA GABARRA

**A ÉTICA DO AMOR COMO DIMENSÃO DO CUIDADO EM
TERAPIA OCUPACIONAL**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), para obtenção do título de Bacharel em Terapia Ocupacional.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Carla Regina Silva

SÃO CARLOS -SP

2026

Gabarra, Leonardo Lima

A Ética do Amor como dimensão do cuidado em Terapia Ocupacional / Leonardo Lima Gabarra -- 2026.
30f.

TCC (Graduação) - Universidade Federal de São Carlos,
campus São Carlos, São Carlos
Orientador (a): Carla Regina Silva
Banca Examinadora: Mariângela Scaglione Quarentei
Bibliografia

1. Compromisso ético-político. 2. Terapia Ocupacional. 3.
Afeto. I. Gabarra, Leonardo Lima. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática
(SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Arildo Martins - CRB/8 7180

AGRADECIMENTOS

É tanta gratidão que escrever este texto se torna difícil. A verdade é que sempre tive muito amor em minha vida...

A escrita deste trabalho também me foi muito difícil. Não por nenhum outro motivo senão o medo de não conseguir entregar algo que demonstrasse a preciosidade de uma temática tão valiosa para mim. Uma das participantes deste estudo me ensinou que o medo nos mostra o quanto as coisas têm valor para a gente e que essa ideia de valor poderia ser o amor. “Talvez o amor mostre a dimensão das coisas para a gente. O quanto eu me importo com cada coisa talvez diga do tamanho do amor que me conecta a essas coisas”.

Entregar meu Trabalho de Conclusão de Curso simboliza o término formal de minha graduação. Isso só foi possível devido ao coletivo cuidadoso e amoroso que me rodeia. São tantos nomes, espaços e condições que me faltam palavras para demarcar os agradecimentos aqui. Fica a tentativa de expressar e homenagear tudo e todos nesta formalidade.

Agradeço meus avós, Eulália e Miguel Gabarra (*in memoriam*), Eduardo de Oliveira e Marlene Veronez, por serem as raízes e a sustentação. Minhas avós, em especial, por me ensinarem desde pequeno a importância do cuidado e do amor.

Agradeço meus pais: Alessandra Faria, pela sensibilidade, artesanias e cautela; Julio Veronez, pela perseverança, dedicação e bom humor; Leandro Gabarra, pela disciplina, compromisso e esperança; Lucimara Veronez, pela humildade, testemunho e amorosidade. Foi o amor deles que me nutriu e me deu condições de ser quem sou.

Agradeço minha irmã, Lucia Gabarra, por chegar com tanta luz em minha vida, me ensinar a compartilhar a abundância e que os sentimentos devem ser sentidos em sua totalidade.

Agradeço minha amiga Laura Matias por crescer comigo, ser minha confidente e parceira para todos os desafios. Cozinha, fofoca, amor e cana também são ciência!

Agradeço meu companheiro, Arthur Anthunes, por trilhar a graduação comigo balançando, mas não caindo. Com ele aprendi um par de coisas: lealdade, resiliência, intimidade e as diversas formas de expressar amorosidade.

Agradeço minhas companhias de graduação: as que vieram antes de mim, Gabrielle Trevizan e Lara Bernardo; as que estiveram comigo, Thainara Jardim, Julia Chiva, Maria

Eduarda Xavier, Maria Leticia Pires, Ana Laura Alves, Vitória Nigro e Sofia Pfeiffer; as que vieram depois, Laura Matias e Wagner Vieira.

Agradeço à Constelação AHTO e todas suas estrelas por ser terreno fértil e criativo para a existência da diferença e possibilitar a realização de pesquisas, práticas e aprendizagens tão potentes para o campo da Terapia Ocupacional e áreas correlatas.

Agradeço minha orientadora, Carla Silva, por sonhar junto e criar condições para a realização deste trabalho. Mais que orientação, Carlinha oferece às pessoas que orienta um processo formativo transformador.

Agradeço a Mari Quarentei por ser referência, criar a perspectiva Terapia Ocupacional como Produção de Vida e nos presentear com sua generosidade inventiva.

Agradeço à Universidade Federal de São Carlos, ao Departamento de Terapia Ocupacional e ao CNPq por me concederem a oportunidade de me formar terapeuta ocupacional e vivenciar coisas tão significativas.

Por fim, agradeço às participantes da pesquisa, carinhosamente nomeadas Âmbar, Celeste, Coral, Esmeralda, Íris, Jade, Rosa e Rubi, pela partilha de seus saberes, fazeres e experiências, possibilitando a construção de

“Só se pode viver perto de outro, e conhecer outra pessoa, sem perigo de ódio, se a gente tem amor. Qualquer amor já é um pouquinho de saúde, um descanso na loucura.”

Guimarães Rosa

RESUMO

O presente trabalho investigou a ética do amor e sua indissociabilidade dos cuidados terapêuticos ocupacionais. Distante de sentidos românticos ou caritativos, o amor é compreendido como sentimento-ação com potência política e transformadora, capaz, por suas expressões de respeito, compromisso, zelo, honestidade, testemunho, confiança, transbordamento, conexão, transgressão e resistência, de enfrentar violências e opressões que atravessam sujeitos e populações historicamente marginalizadas. A pesquisa analisou entrevistas com terapeutas ocupacionais, interpretadas por meio da análise temática. Emergiram dois temas que evidenciam como práticas amorosas fortalecem relações, promovem transformações objetivas e subjetivas - tanto individuais como coletivas - e sustentam o combate à violências presentes na vida de sujeitos e comunidades. Embora reconhecido como essencial, o amor ainda é estigmatizado e frequentemente associado à fragilidade ou incompatibilidade com técnica e profissionalismo. Os resultados indicam que ele deve ser assumido como força ética e política, capaz de gerar relações horizontais, afirmar a diversidade e resistir a lógicas opressoras. Na Terapia Ocupacional, a ética do amor se apresenta como condição de um cuidado humanizado e transformador, deslocando o fazer profissional de protocolos rígidos para gestos comprometidos com a vida, a dignidade e a justiça social. Assumi-lo como ética transversal às profissões do cuidado é afirmar sua dimensão coletiva, comunitária e libertadora. “Políticas do amor” tornam-se, assim, inspiração para sustentar o bem-viver de todos os seres - humanos ou não - e reconhecer o cuidado como prática de liberdade.

Palavras chaves: Compromisso ético-político; Prática profissional; Afeto; Sentimento-ação; Políticas do amor.

ABSTRACT

The present study investigated the ethics of love and its inseparability from occupational therapy care. Far removed from romantic or charitable meanings, love is understood as a feeling-action with political and transformative power, capable of confronting the violence and oppression that permeate subjects and populations historically marginalized. The research analyzed interviews with occupational therapists, interpreted through thematic analysis. Two themes emerged, demonstrating how loving practices strengthen relationships, promote objective and subjective transformations—both individual and collective—and sustain the struggle against violence present in the lives of individuals and communities. Although recognized as essential, love remains stigmatized and is often associated with fragility or seen as incompatible with technique and professionalism. The results indicate that it must be assumed as an ethical and political force, capable of fostering horizontal relationships, affirming diversity, and resisting oppressive logics. In Occupational Therapy, the ethics of love appears as a condition for humanized and transformative care, shifting professional practice away from rigid protocols toward actions committed to life, dignity, and social justice. To embrace it as an ethic transversal to the caring professions is to affirm its collective, community-based, and liberatory dimension. “Politics of love” thus become an inspiration for sustaining the well-being of all beings—human or non-human—and for recognizing care as a practice of freedom.

Keywords: Ethical-political commitment; Professional practice; Affect; Feeling-action; Politics of love.

SUMÁRIO

1. Apresentação.....	09
2. Introdução.....	09
3. Objetivos.....	11
4. Metodologia.....	12
5. Resultados da pesquisa e discussão.....	14
6. Considerações finais.....	26
7. Referências bibliográficas.....	28

Apresentação:

A publicação deste Trabalho de Conclusão de Curso é resultado de um percurso formativo e investigativo desenvolvido ao longo de duas pesquisas de Iniciação Científica, realizadas entre 2023 e 2025, que tiveram como eixo a ética do amor e suas articulações com as práticas da Terapia Ocupacional. O presente texto configura-se como um recorte dessas experiências de pesquisa, reunindo reflexões e análises produzidas ao longo desse processo.

As investigações que originam este trabalho foram desenvolvidas a partir do interesse em compreender como terapeutas ocupacionais significam, sentem e vivenciam o amor, a amorosidade e os afetos em suas trajetórias de vida e práticas profissionais, bem como as implicações éticas, políticas e clínicas desses modos de compreender e viver o cuidado.

Assim, este TCC não se apresenta como um estudo isolado, mas como um texto derivado a partir das experiências acumuladas nas pesquisas, buscando aprofundar, articular e sistematizar reflexões que emergiram ao longo desse percurso.

Introdução:

Discorrer sobre uma profissão nunca é um ato neutro: toda narrativa carrega escolhas sobre o que destacar, o que silenciar e como organizar os acontecimentos. Há inúmeras formas de narrar o percurso da Terapia Ocupacional brasileira e de refletir sobre seu papel na contemporaneidade (CARDINALLI, 2022).

Chimamanda Adichie (2019) nos alerta para o perigo da “história única” e para como ela pode invisibilizar e distorcer a sequência dos fatos. Considera-se, portanto, fundamental produzir e transmitir conhecimentos que mantenham a Terapia Ocupacional vinculada às suas origens: o cuidado de sujeitos e coletivos em situação de exclusão social (BENETTON, 1994).

Natália Yujnovsky (2023) parafraseia Ursula K. Le Guin ao refletir sobre o percurso histórico da Terapia Ocupacional. Segundo ela, existem duas formas de narrá-lo: o “relato do herói” e o “relato das bolsas”. O primeiro é difundido de modo midiático, hegemônico e centrado em protagonistas individuais; o segundo propõe que as histórias sejam contadas a partir do que se carrega e se compartilha - fazeres, saberes e cuidados -, valorizando a cotidianidade, o comunitarismo e a humildade. Esse estudo, alinha-se à autora ao escolher compartilhar as narrativas da profissão como um relato de bolsas, reafirmando que a trajetória da Terapia Ocupacional brasileira não está ligada apenas à grandes feitos, mas na potência de suas ações junto às populações acompanhadas por terapeutas ocupacionais.

Ao investigar a relação entre as artes e os primórdios da Terapia Ocupacional, Inés Dacuña-Vázquez, Carla Silva e Inda Zango (2024) retomam a *Hull House* - um assentamento social para imigrantes nos Estados Unidos que acolhia e oferecia suporte à pessoas em situação de vulnerabilidade. Liderada por mulheres, a *Hull House* transformou-se em um centro de efervescência cultural, social e política, marcado pela luta por justiça e social.

Ao constatar que Eleanor Clarke Slagle - frequentemente reconhecida como a fundadora da Terapia Ocupacional - colaborou com a *Hull House*, torna-se evidente que a profissão tem, em suas raízes, um campo de práticas e saberes voltado ao cuidado. Não por acaso, “cuidado” é o termo mais utilizado por pesquisadoras brasileiras na área da Terapia Ocupacional (SILVA, 2020). Desde seus primórdios, a profissão mantém uma vinculação histórica à luta contra as forças hegemônicas da vida moderna ocidental e do modo de produção capitalista, em consonância com perspectivas feministas e anti-hegemônicas (LIMA, 2024).

Marcada pela submissão ao modelo biomédico, o engajamento de terapeutas ocupacionais em movimentos sociais foi fundamental para a transformação de práticas e conhecimentos condizentes com a realidade vivenciada nos cenários de atuação profissional (GALHEIGO *et al*, 2018).

Embora qualidades como o amor, a bondade e a paciência tenham sido valorizadas e tenham gerado processos potentes ao contrapor a rigidez de protocolos e técnicas preestabelecidas, sua associação histórica ao “feminino” contribuiu para a deslegitimação científica desses atributos, frequentemente compreendidos como menos rigorosos, supérfluos ou alheios à produção de conhecimento. Tal associação limitou o reconhecimento da dimensão epistêmica e transformadora da subjetividade e do afeto (TESTA, 2012).

Ainda que seja possível aprender a cuidar (YUJNOVSKY, 2024), defende-se que não existe um modelo rígido e exclusivo para o cuidado. Ao escutar relatos de profissionais do cuidado, Pascale Molinier, Aurélie Damamme e Helena Hirata (2021, p. 120) afirmam que métodos teóricos, por si só, não bastam: é “preciso colocar coração”, em uma combinação de força vital, afeto e coragem.

Essas dimensões dialogam com uma das definições de “terapeuta ocupacional” utilizadas por Jô Benetton (2024, 12min19s) ao tentar caracterizar a categoria: “algo ligeiramente parecido com uma energia, uma iniciativa, uma presença de espírito, uma garra. Garra, força de acreditar e de investir no desenvolvimento e no crescimento do outro.”

Destaca-se a relação dessa perspectiva com a conceitualização de “amor” elaborada por M. Scott Peck (2004, p. 77), para quem o sentimento pode ser definido como “a vontade de se empenhar ao máximo para promover o próprio crescimento espiritual ou o de outra pessoa”. O

termo “espiritual”, nessa definição, é aqui interpretado não como referência exclusiva à religiosidade, mas como expressão da integralidade das ações que potencializam os processos de vida das pessoas.

Diante do exposto, ressalta-se que o termo amor é plural e foi de múltiplas dimensões capturado. Reforça-se que o termo, tal como afirmado por Aza Njeri (2020), não se trata do seu conceito romântico ocidental, vinculado com os ideais individualistas, homogeneizadores e segregadores que, frequentemente, despotencializam as experiências de vida das pessoas e coletivos.

bell hooks¹ (2000), ao explorar minuciosamente os sentidos do amor, posiciona-o como um sentimento-ação, propondo uma vivência profunda desse afeto transformador. Em uma perspectiva revolucionária, a autora politiza o amor, defendendo que ele não deve ser tratado de forma leviana, mas compreendido como um meio de combater dominações e opressões. Ao reivindicar uma ética do amor, hooks sustenta sua adoção como guia para as ações cotidianas, argumentando que os movimentos de libertação produzem tal ética ao reunir sujeitos e coletivos em prol do bem comum.

Inspirados por hooks, Vinicius da Silva e Wanderson do Nascimento (2019) criam o conceito “políticas do amor” que, quando aplicadas nas “sociedades da inimizade” (MBEMBE, 2017), reivindicam justiça social e rompem com o projeto colonial, que segue reverberando na atualidade mesmo após seu suposto fim.

Este trabalho propõe-se a valorizar narrativas produzidas a partir de entrevistas com terapeutas ocupacionais sobre suas práticas profissionais fundamentadas em uma ética amorosa. Pretende-se que esses relatos não apenas sensibilizem, mas também gerem impactos concretos nas políticas de cuidado, fortalecendo o reconhecimento da relação intrínseca entre a ética do amor e o ato de cuidar.

Objetivos

Explorar as práticas e significados atribuídos à ética do amor por terapeutas ocupacionais, reconhecendo sua estreita relação com as epistemologias da profissão e com o campo do saber. Busca-se promover uma reflexão interdisciplinar e transversal à Terapia

¹ bell hooks redige seu pseudônimo em letras minúsculas em uma homenagem à sua ancestral Bell Blair Hooks. Para a autora, as palavras proferidas por alguém devem ser mais importantes do que sua identidade e títulos, valorizando as ideias e rechaçando o ego e individualismo na autoria.

Ocupacional, que alcance todas as profissões do cuidado, de forma crítica e sensível às relações de poder e estratégias de resistência inspiradas por e inspirando políticas do amor.

Metodologia

Realizou-se uma pesquisa qualitativa exploratória, de caráter participante, tendo as entrevistas como principal estratégia de produção de dados. Assim, o material analisado emergiu do encontro entre o pesquisador e as participantes-colaboradoras, no qual foram acolhidos e registrados afetos, tensões, desejos, forças, experiências e concepções mobilizados durante a interação (BARROS; KASTRUP, 2012).

A opção pelas entrevistas deveu-se ao fato de que as informações buscadas não se encontravam documentadas, podendo ser acessadas apenas por meio da memória ou das reflexões das pessoas (MANZINI, 1990/1991). Utilizou-se um roteiro de entrevista semiestruturado, o que possibilitou maior flexibilidade no diálogo e a ampliação do leque de perguntas e respostas. O roteiro contemplou as seguintes questões:

1. Fale sobre sua atuação profissional como terapeuta ocupacional.
2. O que significa, para você, ser terapeuta ocupacional?
3. Como você constrói e mantém vínculos com as pessoas que acompanha em sua prática profissional? Quais estratégias utiliza?
4. Você identifica práticas amorosas em seu trabalho como terapeuta ocupacional? Poderia exemplificar a partir de sua experiência profissional?
5. Você já ouviu falar sobre o conceito de ética do amor? Em caso afirmativo, como estabelece relações entre a ética do amor (entendida como prática e posicionamento ético-político) e as práticas da Terapia Ocupacional?
6. Quais motivações ou mobilizações atravessam sua atuação profissional no sentido de compor com uma ética do amor, considerando diferentes concepções (amor caritativo, assistencialista, romântico, entre outras)?

A participação na pesquisa esteve condicionada aos seguintes critérios: a) possuir graduação em Terapia Ocupacional; b) ter, no mínimo, dois anos de experiência profissional na área, independentemente do campo de atuação; c) demonstrar interesse em discutir a relevância da ética do amor no exercício profissional.

A primeira etapa envolveu a criação e divulgação de um formulário de inscrição que buscou traçar o perfil pessoal, acadêmico e profissional das participantes, além de recolher

reflexões iniciais sobre o tema investigado. A seleção das entrevistadas considerou a diversidade da amostra e a disponibilidade para um processo de reflexão colaborativa.

A segunda etapa contemplou a realização de oito entrevistas realizadas por meio da plataforma Google Meet, para facilitar a participação de pessoas em diferentes localizações. Todas as entrevistas foram gravadas, transcritas e enviadas para as participantes aprovarem o material.

Todos os dados foram analisados por meio da análise temática - método reconhecido por sua flexibilidade e por não se vincular a uma epistemologia específica (DIAS; MISHIMA, 2023). O processo envolveu leituras cuidadosas das transcrições, seguidas da sistematização e categorização de termos, conceitos e relatos de experiências semelhantes. Esses elementos foram examinados e debatidos à luz de referenciais teórico-metodológicos pertinentes ao campo da Terapia Ocupacional, a partir de uma perspectiva crítica-sensível (CARDOSO, 2023; SILVA *et al*, 2024). A identificação de “padrões de significados” nas narrativas possibilitou compreender e refletir sobre as realidades vividas e narradas pelas participantes (BRAUN; CLARKE, 2006).

Ao considerar as disputas no campo científico, a análise alegadamente foi realizada a partir de um marco epistemológico social, geográfico, de gênero e raça, priorizando saberes feministas, antirracistas e contra-coloniais e interseccionais. As multifacetadas do amor são reconhecidas e deseja-se disputar sua conceitualização, resgatando-o de sua definição midiática, hegemônica e romantizada que resulta em “um pensamento absolutamente hipertrofiado, cuja revisão e transformação são condição *sine qua non* para um mundo que possa se sustentar em tramas férteis de reconhecimentos, reciprocidades e redistribuições simbólicas e materiais” (ESTEBAN, 2011, p. 23).

O trabalho seguiu todas as recomendações estabelecidas pelas Resoluções nº 466/2012 e nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, referentes à ética em pesquisas que envolvem seres humanos. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (Parecer No 6.733.746). Todas as participantes foram previamente informadas sobre os objetivos da pesquisa e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Para preservar sua identidade, os nomes verdadeiros das participantes foram substituídos por codinomes. Os dados produzidos foram armazenados de forma segura, com acesso restrito às pesquisadoras, e a pesquisa buscou seguir as boas práticas em pesquisas qualitativas.

Resultados e discussão

Os dados produzidos foram organizados em dois temas principais, “Terapia Ocupacional” e “Ética do Amor”, cada um desdobrado em categorias analíticas. O primeiro tema é composto pelas categorias “Tecendo a Ética do Amor”, “Relações entre o Amor e a Terapia Ocupacional” e “Expressões do Amor”. O segundo tema abrange as categorias “Epistemologias e fundamentos” e “Ser-fazer-viver-sentir na Terapia Ocupacional”.

A escrita dos resultados, apresentada a seguir, percorre esses agrupamentos com o intuito de sistematizar os dados emergentes das entrevistas. Para tal, realizou-se um arranjo analítico que envolveu a seleção de trechos narrativos considerados significativos, por abordarem experiências, sentidos e posicionamentos recorrentes ou particularmente expressivos das participantes. Essas citações foram escolhidas por representarem e sintetizarem aspectos centrais dos temas analisados, permitindo evidenciar movimentos, tensões e sentidos que atravessam as experiências narradas.

“Em um contexto de disseminação do ódio e tantas violências, pautar o amor pode ser revolucionário - se estivermos advertidos quanto aos riscos de capturas. Mais do que saber o que é a ética do amor, me sinto instigada a exercitá-la, inventá-la em minhas práticas cotidianas.” (Rosa)

A Terapia Ocupacional é reconhecida por sua **relação com as atividades humanas** e melhora na qualidade de vida das pessoas e/ou coletivos acompanhados por terapeutas ocupacionais.

“As pessoas buscam Terapia Ocupacional porque alguma coisa na vida não está legal, está pegando ou incomodando. Não, necessariamente, um problema ou uma patologia. Mas alguma coisa na vida, no cotidiano e as pessoas buscam para tentar resolver, melhorar e conviver de uma forma mais saudável com isso” (Rubi)



amor é o afeto que move tudo

“Ser terapeuta ocupacional é participar do processo de criação da vida - da vida de outras pessoas e da vida comum” (Celeste).

O fazer terapêutico ocupacional e as relações tecidas com/na Terapia Ocupacional **desafiam a separação entre vida pessoal e profissional**, revelando um modo de existência sustentado pela sensibilidade, pelo respeito e compromisso com o bem-viver.

“A Terapia Ocupacional é uma forma de vida, é a minha forma de vida e a minha forma de ser. Eu sou a terapeuta ocupacional Coral, com todas as características que me levam a ser a pessoa que sou. Mas a Terapia Ocupacional é uma forma de viver, de ver e sentir a vida, de entender as pessoas e as relações humanas e conceber o respeito. É uma forma de ver e estar no mundo. Mais do que uma forma de trabalhar, é uma forma de viver. Faz pouco tempo que estou nesse trabalho e eu digo: eu não vou ao trabalho, eu vou fazer o que eu sou” (Coral).

Por sua vez, as atividades são fundamentais para o desenvolvimento dessa relação e estão intimamente ligadas ao percurso terapêutico ocupacional a ser percorrido.

“Na medida em que as atividades entram nessa relação, elas mobilizam e/ou nos ajudam a mobilizar afetos de aprendizagem e de vida, porque estar vivo é querer e poder fazer coisas” (Esmeralda).

“Não entendo a atividade como treinamento de hábitos, e sim como produção de vida” (Coral).

“Entendo a Terapia Ocupacional como um fazer junto que cria possibilidade de estar junto. No final das contas, o que a gente faz é criar coisas” (Celeste)

Entretanto, ao lidar com sujeitos e coletivos em situação de exclusão social, é necessário exercer cautela para sustentar o cuidado sem reproduzir as violências e opressões que atravessam a vida das pessoas acompanhadas por terapeutas ocupacionais.



Ser o
exercício
do amor

*ser
amor*

A gente
tem que
ser o amor

“Nós temos um trabalho fantástico, mas que pode ser muito violento devido ao poder que nós temos. Fazer as pessoas fazerem coisas pode ser, absolutamente, violento. E, para não ser, de fato precisamos aceitar as pessoas como elas são e investir que nós podemos construir algo mais interessante para nossa vida juntos.” (Esmeralda)

As terapeutas ocupacionais entrevistadas convergem na compreensão de que **dimensões afetivas negativas comprometem e até inviabilizam os cuidados** em Terapia Ocupacional.

“Não tem como o cuidado ser violento. Ser violento não é cuidado.” (Jade)

“Um afeto fortemente negativo é impeditivo de terapia ocupacional. Negativo no sentido destrutivo, de querer que o outro não exista. Podemos encontrar isso tanto em relação à pessoa que está sendo acompanhada quanto à você e por inúmeros outros motivos que estão presentes nessa relação afetiva que se constitui. É absolutamente impossível, se você não consegue fazer o manejo de que afetos destrutivos possam ganhar espaço nessa construção afetiva amorosa, não tem como fazer terapia ocupacional” (Esmeralda).

Ao se depararem com desafios na relação, as entrevistadas destacam o amor como **parâmetro ético fundamental** para retomar e sustentar a trajetória do cuidado.

“Eu precisei resgatar a amorosidade, mesmo que eu não estivesse conseguindo construir a conexão que eu esperava. Mesmo que eu não tivesse o retorno que eu esperava. Eu tenho que me preparar e fazer o que acredito da mesma forma. Eu não estou dizendo que é fácil. Não é isso, mas a gente tem que se nutrir de energia para” (Celeste).

“Eu posso considerar que o amor me criou condições para eu topar essa empreitada. Não era ela em si, eu nem a conhecia direito ainda, mas a ideia de pensar que tinha alguém que ninguém sabia o que fazer já me apaixonou - e tem uma vida ali” (Rosa).



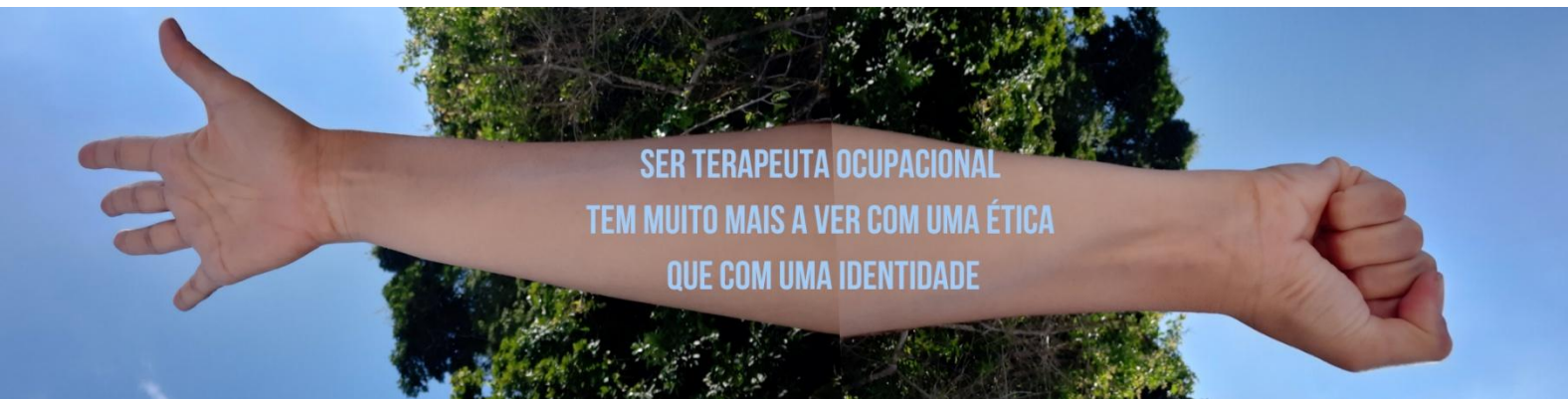
Apesar de sua potência, o amor ainda é frequentemente subestimado e cercado de estigmas quando associado a relações profissionais. Essa percepção, presente em diferentes contextos, pode reforçar a **falsa separação entre afeto e competência técnica**.

“O que eu vejo, e é bem triste, é que quando você atua pelo amor, na Terapia Ocupacional e na vida, é como ‘ui, então você está deixando o seu papel de terapeuta ocupacional?’. Então, a sua eficácia de tratamento já não vai ser considerada tão boa como se você fosse essa profissional de jaleco branco. ‘Eu sou profissional, trato você bem, mas do usuário se deve distância’. Isso está muito costurado. O amor se entende como falta de profissionalismo, como se você estivesse deixando o papel. E custa muito, porque a ideia biomédica da Terapia Ocupacional, das posições hierárquicas e funções do terapeuta estão muito marcadas” (Coral).

“Parece que nós não podemos falar de amor na Terapia Ocupacional, porque o amor não tem uma estrutura técnica, ele não é sistematizado, mas nós fazemos isso o tempo todo” (Rubi).

Ao contrário da percepção hegemônica atribuída ao amor, esse sentimento-ação funciona como **impulso ético e motivador**, permitindo que as profissionais mantenham e sustentem suas práticas.

“Falar de afeto no trabalho pode parecer menor, simplista ou benevolência, mas não é isso. Estamos falando de uma questão que move, que nos move. É um motivador” (Rubi).



O amor apareceu como um termo fortemente marcado por conceitualizações hegemônicas e sentidos previamente estabelecidos no senso comum. Contudo, emergiu a necessidade de reposicioná-lo, **tensionando seus significados e afirmando sua dimensão política.**

“Se disputarmos essa palavra para pensarmos do ponto de vista de uma ética com a vida e pensar em uma direção de amar a vida e o vivo - que daí não é uma coisa ou pessoa - não é um sentimento privatizado ou de harmonização de nada, pelo contrário. É mais uma afirmação desse lugar da criação, que é como eu penso a vida. A vida como autopoiese, como alguma coisa que está sempre se fazendo e que não é a minha vida, é a vida em composição, inclusive para além dos seres humanos, com outros seres, elementos, em uma ideia de tentativa de outra ecologia” (Rosa).

Também foi denunciado o **tabu** que atravessa a discussão e a demonstração do amor em relações entendidas como profissionais.

“Há muito tabu quando falamos em amor, porque as pessoas vão levar a questão do amor para essa coisa mais romântica ou para essa ideia de que você só ama seus familiares - você só ama aquelas pessoas que você conhece e não é capaz de amar a pessoa que está do seu lado... A pessoa não precisa ser o melhor amigo ou frequentar sua casa, mas você pode respeitar a existência que está do seu lado” (Jade).



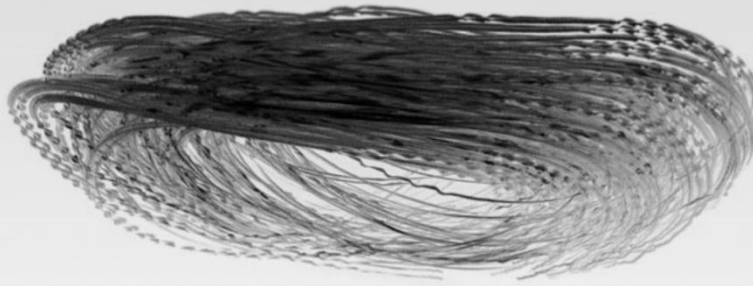
Defendeu-se a existência de um amor distinto daquele comumente concebido no senso comum. As relações pautadas nesse **amor revolucionam os cuidados**, instaurando uma ordem mais próxima e sensível às pessoas e aos seres.

“É um amor que não corresponde a essa figura do amor que é mais imediata para nós. Não tem a ver com gostar do outro, necessariamente, mas muito mais com uma afirmação da vida e da vida como um processo que está o tempo inteiro se transformando. É um amor por esse processo. Talvez seja mais um verbo e/ou uma prática do que um sentimento ou um substantivo. É um amar nessa afirmação da vida, um compromisso com a vida em movimento que acontece de muitos jeitos, em muitos lugares” (Rosa).

Longe da tentativa de produzir verdades absolutas, o amor foi compreendido como um **afeto não privado, expansivo e transformador**. Um movimento que possibilita crescimento e desenvolvimento a partir do respeito, da honestidade e da criação.

“Talvez, o amor seja aquilo que conecte, mobilize ou seja uma forma pela qual tecemos as relações - uma forma que agrada de tecer relações - que me mobiliza a realizar e dedicar investimentos a mim, às pessoas, às coisas e à vida” (Celeste).

“Pensar um amor nessa direção, que é algo muito mais em processo - amor por um processo e/ou movimento que seria a vida - é político. Alguma coisa que pode ter um efeito muito interessante de transformação do que podemos imaginar como mundo - um mundo mais comum, onde qualquer um importa” (Rosa).



amor é o afeto que move tudo

Em relação à Terapia Ocupacional, a ética do amor aparece como **instância fundamental para os processos de cuidado**.

“O amor passa por tudo: afeto, respeito, não julgamento, querer auxiliar. Estou pensando na área da saúde, como terapeuta ocupacional, para que a gente consiga oferecer o nosso amor e trabalho bem-feito, precisa ter amor envolvido. É fazer com amor que a gente vê resultado. Ao fazer de qualquer jeito, você está pensando em você, nos seus problemas e nas suas questões. Quando você se permite a construção do vínculo e olhar para o outro com intenção de cuidado, melhora de qualidade de vida, cotidiano rico e todas essas questões, tem que ter umas gotinhas de amor. Se não tiver, entendo que não está fazendo bem-feito” (Íris).

“A ética do amor está muito ligada com a terapia ocupacional, porque a Terapia Ocupacional é uma disciplina muito política. Todos os dias que nós estamos vivendo e fazendo terapia ocupacional, nós estamos fazendo política, trocas e negociações. A política impregna o que fazemos, sentimos e como vemos no mundo, tudo. O amor é uma fenda nessas políticas de opressão e homogeneização” (Coral).

Porém, percebe-se alguns desafios para poder potencializar a discussão sobre amor nos processos terapêuticos ocupacionais em razão da **valorização de medidas médico-centradas em detrimento dos processos de fazer em comum**.

“Os inícios da terapia ocupacional foram bem amorosos, mas depois tudo se converteu em políticas de produtividade, patriarcado, capitalismo e produção. A profissão tem que produzir e reabilitar os soldados feridos da guerra - perdeu-se a essência. Anos depois, foi se recuperando, com Nise da Silveira e suas práticas amorosas muito lindas, que passaram a formar terapeutas ocupacionais através da terapêutica ocupacional, que alguns dizem que foi a precursora de terapia ocupacional. Outros dizem que não” (Coral).



No final das contas,
o que a gente faz é criar
coisas

As ações guiadas por uma ética amorosa potencializam tanto as práticas que chegam a produzir transformações significativas na vida das pessoas, tanto das profissionais quanto das acompanhadas, **extrapolando os limites** do que costuma ser marcado como relação profissional.

“Hoje, quem leva o meu filho para a escola ou para outros lugares quando eu preciso de um carro de aplicativo, é um ex paciente meu que se tornou motorista de aplicativo em função de uma terapia ocupacional e nós continuamos a manter o vínculo porque agora ele é um profissional no mercado que eu preciso e solicito o serviço dele quando tenho necessidade” (Esmeralda).

“Quando eu me casei, tive uma vontade muito grande de que os meus pajens e daminhas fossem os meus pacientes, porque, naquele momento, eram as crianças que eu mais amava no mundo.” (Âmbar)

“O meu resultado é a mudança de tudo. De você chegar em uma casa que antes os pais não se falavam - nem entre si - e invalidavam a menina para, agora, a mãe fazer o cabelo da menina e eles comerem todos juntos. Isso se transforma, torna a ser outra coisa” (Coral).

Dessa forma, o amor é compreendido como **gesto fundamental para sustentar uma prática ética, crítica e transformadora em Terapia Ocupacional**. Trata-se de uma dimensão multifacetada, que pode ser aprendida e cultivada, mas cuja presença é indispensável para o desenrolar do acompanhamento.

“O amor é gesto ou palavra, mas acende alguma coisa em nós. É uma coisa que sai da gente, que mora aqui, é um gérmen que pode florescer em cada um de nós” (Celeste).

*O vivo é aquilo que está sempre se criando
sem propriedade privada*



Ainda, destacou-se que, embora possível, a ausência de dimensões amorosas na atuação terapêutica ocupacional pode **comprometer a qualidade do cuidado** e dificultar a obtenção de resultados e transformações desejadas.

“Ao fazer de qualquer jeito, você está pensando em você, nos seus problemas e nas suas questões. Quando você se permite a construção do vínculo e olhar para o outro com intenção de cuidado, melhora de qualidade de vida, cotidiano rico e todas essas questões, tem que ter umas gotinhas de amor. Se não tiver, entendo que não está fazendo bem-feito” (Íris).

“Daquilo que eu faço, é possível fazer sem amor, mas... Quer dizer, não sei se é possível fazer sem amor, mas tem gente que faz sem amor” (Jade).

O amor também emerge de forma espontânea, a partir da introspecção e da confiança nos próprios sentimentos e intuições da terapeuta – algo **orgânico, processual e que se constrói na experiência próxima e cotidiana**.

“Para que eu pudesse fazer isso, eu acredito muito a partir do que eu conheço, observo e sinto que ele é capaz, vai conseguir e dar conta. Isso é um investimento afetivo amoroso, porque ele não ia sair deste lugar se não tivesse esse tipo de afeto” (Esmeralda).

O engajamento e a implicação das terapeutas ocupacionais revelam uma postura que ultrapassa o âmbito profissional, refletindo sua posição no mundo. Suas ações individuais são constantemente articuladas a uma **dimensão coletiva e ética da sociedade**.

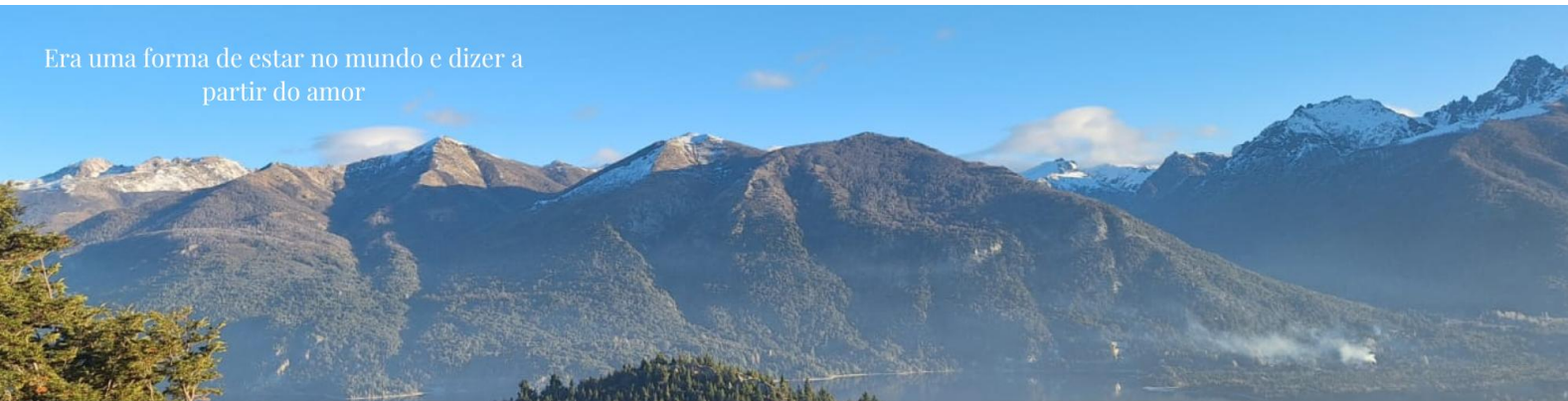
“Eu não vou mudar o mundo, mas eu vou mudar aquilo que está ao meu alcance. Se eu posso fazer um atendimento ou dar uma aula com amor para que aquele dia, aquela hora seja melhor para aquelas pessoas, por que não?” (Jade).

“É fundamental na troca com o ser humano nós termos esse carinho e afeto. Eu acredito muito no “construa, a partir de você o mundo que você quer”. Sempre quis um mundo mais “Imagine” dos The Beatles. Eu procuro construir dessa forma e não que consiga nas relações - sejam relações de trabalho com os colegas ou usuários que estão ali procurando ajuda, com os amigos, sua família. Se queremos um planeta melhor, temos que começar a construir a partir de nós” (Íris).

De modo geral, as experimentações realizadas pela/na Terapia Ocupacional orientam-se para a criação de novas formas de fazer e de se relacionar - transformações que não se restringem ao nível individual, mas que se **articulam com uma dimensão coletiva e comunitária**.

“Experimentar outros jeitos de se relacionar, onde quer que seja, é um caminho que aposto e confio para tentar transformar alguma coisa do modo como nós vivemos para alguma coisa um pouco mais possível, respirável, coletiva e comunitária” (Rosa).

Era uma forma de estar no mundo e dizer a partir do amor



Em práticas éticas e comprometidas com o melhor percurso terapêutico ocupacional para os sujeitos acompanhados, infere-se a necessidade de evitar protocolos rígidos e **promover a aproximação entre profissionais, pessoas e coletivos acompanhados**.

“Uma coisa bem importante da formação em Terapia Ocupacional é desmontar o nosso saber de verdade - ‘eu sei o que tem que ser feito, eu sei pelo outro’ - ou essa ideia de controle - ‘eu sei o que precisa ser feito e como vai ser feito. Isso vai acontecer porque eu sou profissional e detenho o saber -. Desmanchar essa hierarquia nos conecta às pessoas e produz saber comum, pertencimento e protagonismo compartilhado daquilo que está se produzindo, porque eu não estou lá para produzir nada para ninguém, talvez para mim” (Celeste).

“Se você chegar na terapia com seu protocolo para ser cumprido, não raro você deixará passar alguns sinais que esse pequeno vai dar de que aquilo não está legal. ‘Hoje, eu não quero isso. Hoje eu não estou para isso’. Você vai botar aquilo goela abaixo” (Âmbar).

A ética, na prática da Terapia Ocupacional, não se reduz a um código deontológico: ela se configura como **fundamento encarnado, comprometido e político**. Trata-se de um exercício multifacetado, que convoca investigações, presença e respeito, possibilitando um fazer crítico e ajustado às necessidades concretas das pessoas.

“Uma ética muito esterilizada nunca fez muito sentido para mim. Quando comecei a estudar na filosofia, pelo menos nas filosofias que eu fui estudar, fez mais sentido para mim essa coisa da proteção da vida e da ampliação, que também são respeito e comprometimento” (Celeste).

“É muito difícil saber o que é ético antes. O que é ético é decidido durante e depois. Aquilo que melhor se ajusta à situação que está posta e o que é estético, da mesma maneira, eu só sei o que é belo depois, porque é uma beleza que se constitui na vida, aquilo que funciona na vida e não uma beleza prévia, normativa” (Esmeralda).

Nesse sentido, a ética do amor convoca dimensões frequentemente esquecidas - ou mesmo apagadas - nos códigos de ética tradicionais. Não se trata de uma conduta moral ou benevolente, mas da **vivência genuína de afetos** que emergem na relação, assim como do **enfrentamento às violências e opressões que atravessam a vida cotidiana**.

“É uma ética que demanda a possibilidade de você suspender qualquer julgamento. Isso pode ser lindo de falar, mas é muito difícil de fazer” (Esmeralda).

“A ética do amor é um arcabouço de valores que nos orientam para o bem coletivo” (Rubi).

Dessa forma, fica evidente como a **ética do amor é transversal à Terapia Ocupacional**, dialogando com todos seus núcleos do saber e campos de atuação.

“Tem toda a relação entre a ética do amor e a Terapia Ocupacional, em todos os sentidos. Desde a docência até a assistência ou acompanhamento às pessoas. Estudar a Terapia Ocupacional pela epistemologia do amor possibilita você entender outra terapia ocupacional e respeitar outras Terapias Ocupacionais distintas” (Coral).

“A Terapia Ocupacional tem essa intimidade com a ética do amor, que é com base nesse respeito, na justiça, na possibilidade de abrir oportunidades” (Rubi).

A partir da apresentação desta curadoria de narrativas, identificamos um conjunto de termos, expressões e reflexões que delineiam a presença de uma ética do amor no cotidiano profissional das terapeutas ocupacionais entrevistadas. Estas noções, ao se articularem, revelam diversas dimensões desse fenômeno, constituindo uma constelação que, por sua vez, destaca os caminhos pelos quais esse compromisso ético fundamental sustenta práticas e o processo relacional na terapia ocupacional.



Figura: Constelação das dimensões sobre a ética do amor

Considerações finais

Diante do exposto, evidencia-se a indissociabilidade entre a ética do amor e os cuidados presentes nas relações terapêuticas ocupacionais. Observa-se que, quando atravessados por essa perspectiva, os cuidados em Terapia Ocupacional ganham potência ao promover relações mais horizontais, reconhecer subjetividades, sustentar a diversidade e criar espaços de encontro que resistem às lógicas de opressão. Trata-se de um horizonte que amplia as práticas da Terapia Ocupacional, deslocando-as de meras técnicas para gestos ético-políticos comprometidos com a vida, a dignidade e a transformação social.

Entretanto, percebe-se certa resistência em falar de amorosidade livremente, uma vez que as conceituações dominantes permanecem presas a narrativas românticas ou idealizadas, frequentemente desconectadas da vida comum e de sua materialidade. O tabu presente ao abordar o tema convoca uma tarefa coletiva: disputar os significados do amor para além da intimidade privada, compreendendo-o como força cotidiana, política e transformadora. Isso implica assumir o desafio de pautar o amor em nossas práticas, discursos e relações, tornando-o presença concreta nas ações de cuidado.

A partir das narrativas selecionadas para este trabalho, temos que a Terapia Ocupacional é apresentada como uma prática que transcende a técnica, configurando-se como um fazer ético e relacional centrado nas atividades humanas para promover cotidianos, na criação de vínculos, a partir do "fazer junto", entendendo a atividade como produção de vida e possibilidade de transformação. No entanto, ao lidar com contextos de exclusão e desigualdades, a profissão

enfrenta o desafio constante de evitar reproduzir violências, o que exige uma postura crítica, ética e um compromisso que deve rejeitar hierarquias rígidas e protocolos distanciados da realidade das pessoas.

Para sustentar essa prática, terapeutas ocupacionais destacam o amor como fundamento ético e político, redefinido para além do senso comum. Não se trata de um sentimento privado ou romântico, mas de um compromisso ativo com a afirmação da vida, um "amar" como verbo que mobiliza respeito, escuta e criação compartilhada. Essa ética do amor é vista como enfrentamento das lógicas produtivistas e medicalizantes da vida, sendo transversal a todos os campos da profissão. Ela possibilita vínculos genuínos, transformações significativas e uma atuação que reconhece a indissociabilidade entre vida pessoal e profissional, configurando a Terapia Ocupacional não apenas como um trabalho, mas como uma forma sensível e comprometida de estar no mundo.

Espera-se que este trabalho possa sensibilizar e convocar pesquisadoras, pesquisadores e profissionais a aprofundarem o debate sobre a temática, fortalecendo a produção coletiva de tecnologias e cuidados que reconheçam no amor não apenas um afeto, mas uma ética indispensável ao exercício da Terapia Ocupacional e das demais profissões do cuidado.

Ademais, além da sensibilização, deseja-se inspirar a criação e o florescimento de políticas do amor, capazes de sustentar o bem-viver de todas as pessoas e seres, afirmando o cuidado como prática de liberdade. Que tais políticas possam fortalecer a tessitura comunitária, nutrir relações éticas e justas e, sobretudo, proteger e defender os direitos de sujeitos e coletivos historicamente atravessados por vulnerabilidades e riscos. O amor, assim compreendido, torna-se não apenas afeto, mas compromisso político com a vida em sua potência de existir e se transmutar.

Referências bibliográficas

ADICHIE, Chimamanda N. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

BARROS, Laura P. de; KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2012. p. 52-75.

BENETTON, Jô. **A Terapia Ocupacional como instrumento nas ações de Saúde Mental**. 1994. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Ciências Médicas, Campinas, 1994.

BENETTON, Jô. Terapeuta Ocupacional: função e ação educativa, observação, informação, memorização. **Espaço de historicidade, associação, transferência, ética**. São Paulo: CETO, 13 13 jan. 2024. [Notas de aula].

BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative Research in Psychology**, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006. Disponível em: <http://eprints.uwe.ac.uk/11735>. Acesso em: 24 jul. 2023.

CARDINALLI, Isadora. **Ninho de nós: sentidos da atividade humana em terapia ocupacional**. 2022. Tese (Doutorado em Terapia Ocupacional) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/15866>. Acesso em: 22 jul. 2023.

CARDOSO, Paula T. **(R)existências afirmadas em terapia ocupacional: vestígios e fabulações**. 2023. Tese (Doutorado em Terapia Ocupacional) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/17455>. Acesso em: 15 maio 2024.

DACUÑA-VÁZQUEZ, Inés; SILVA, Carla R.; ZANGO-MARTÍN, Ina. Histórico: Relación con las artes desde los inicios de la terapia ocupacional. In: SILVA, Carla R.; DACUÑA-VÁZQUEZ, Inés; LEMA, José M. M. (Org.). **Resistencias éticas y derechos humanos: prácticas artísticas con la comunidad**. Sevilla: Aulamagna, 2024. p. 57-71.

DAMAMME, Aurélie; HIRATA, Helena S.; MOLINIER, Pascale (Coord.); WLOSKO, Miriam (Ed.). **El trabajo: entre lo público, lo privado y lo íntimo: comparaciones y desafíos internacionales del cuidado**. Santa Fe: Ediciones de la UNLa, 2021.

DIAS, Ernandes G.; MISHIMA, Silvana M. Análise temática de dados qualitativos: uma proposta prática para efetivação. **Revista Sustinere**, [S. l.], v. 11, n. 1, p. 402-411, 2023. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/sustinere/article/view/71828>. Acesso em: 24 jul. 2023.

ESTEBAN, Mari Luz. **Crítica del pensamiento amoroso**. Madrid: Ediciones Cátedra, 2011.

GALHEIGO, Sandra M.; BRAGA, Claudia P.; ARTHUR, M. A.; MATSUO, Catia M. Produção de conhecimento, perspectivas e referências teórico-práticas na terapia ocupacional brasileira: marcos e tendências em uma linha do tempo. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, São Carlos, v. 26, n. 4, p. 723-738, 2018.

HOOKS, Bell. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2000.

LIMA, Elizabeth M. F. de A. Terapia ocupacional: uma profissão feminina ou feminista? **Saúde em Debate**, v. 45, n. spe1, p. 154-167, out. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/f5JckbPyZz48HLsntBWgCCt/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 6 out. 2025.

MANZINI, Eduardo J. A entrevista na pesquisa social. **Didática**, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991.

MBEMBE, Achille. **Políticas da inimizade**. Tradução de Marta Lança. Lisboa: Antígona, 2017.

MERHY, E. E. **Em busca do tempo perdido: a micropolítica do trabalho vivo em saúde**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2002.

NJERI, Aza. Amor: um Ato Político-Poético. In: SANTOS, F. M. S.; CORRÊA, D. S. **Ética e filosofia: gênero, raça e diversidade cultural**. Porto Alegre: Editora Fi, 2020. p. 43-74.

PECK, M. Scott. **A trilha menos percorrida: uma nova psicologia sobre o amor, os valores tradicionais e o crescimento espiritual**. Tradução de Maria Clara de B. W. Fernandes. Rio de Janeiro: Nova Era, 2004.

SILVA, Carla R. **Construção de conhecimento em Terapia Ocupacional: mapeamento da produção acadêmica dos pesquisadores na área**. [Relatório Final de Pesquisa CNPq]. São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, 2020.

SILVA, Carla R.; DACUÑA-VÁZQUEZ, Inés; LEMA, José M. M. (Org.). **Resistencias éticas y derechos humanos: prácticas artísticas con la comunidad**. Sevilla: Aulamagna, 2024.

SILVA, Vinicius R. C. da; NASCIMENTO, Wanderson F. do. Políticas do amor e sociedades do amanhã. **Voluntas: Revista Internacional de Filosofia**, [S. l.], v. 10, p. 168-182, 2019. DOI: 10.5902/2179378639954. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/voluntas/article/view/39954>. Acesso em: 12 ago. 2025.

TESTA, Daniela E. Aportes para el debate sobre los inicios de la profesionalización de la terapia ocupacional en Argentina. **Revista Chilena de Terapia Ocupacional**, v. 12, n. 1, p. 13-25, 2012. Disponível em: <https://revistaterapiaocupacional.uchile.cl/index.php/RTO/article/view/22054/23370>. Acesso em: 25 maio 2025.

YUJNOVSKY, Natália. Nidos y bolsas: figuras para una comprensión situada de los dispositivos de Terapia Ocupacional en Salud Mental. **Revista Argentina de Terapia Ocupacional**, año 9, n. 2, p. 113-125, 2023. Disponível em: https://revista.terapia-ocupacional.org.ar/index.php/rato_2022/article/view/196/195. Acesso em: 25 maio 2025.

YUJNOVSKY, Natalia. **Enseñanza del cuidado en las Prácticas Pre-profesionales de Terapia Ocupacional en Salud Mental**. 2024. Dissertação (Mestrado) – Universidad Nacional del Litoral, Facultad de Bioquímica y Ciencias Biológicas, Santa Fe, 2024.